

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT10 - Informação e Memória

REPRESENTAÇÃO, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: ANÁLISE DA FILMOGRAFIA RELACIONADA À SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA (AIDS)

Francisco Arrais Nascimento (Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Denise Cristina Belan Fioravanti (Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Maria Leandra Bizello (Professora do Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Daniel Martinez-Avila (Professor Assistente no Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - UNESP)

REPRESENTATION, MEMORY AND FORGETFULNESS: ANALYSIS OF THE FILMOGRAPHY RELATED TO ACQUIRED IMMUNODEFICIENCY SYNDROME (AIDS)

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Objetivou-se compreender como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) foi representada no cinema no período de 1985-2018. Ancorando-se sob cartografia de documentos, são identificadas 60 produções que apresentam em seu enredo personagens HIV positivos ou têm a temática HIV/AIDS em seus mais diversos aspectos. Ao imergir no discurso das patologias e da patologização penetra-se em um cenário balizado por todo um construto social multifacetado, dissidente e fronteiro que atua não somente como forma de legitimação dos discursos dominantes, uma vez que a patologização fora utilizado em diversos momentos como forma de exclusão e deslegitimação do discurso dos sujeitos sob sua égide. Ressalta-se que o viés médico-científico atua enquanto um agente naturalizador da desigualdade em uma divisão binária socialmente construída com o intuito de ocultar mecanismos que operam em prol da manutenção do poder, apagando toda forma de contestação e conseqüentemente de mudança social. Com isso, camadas memoriais insurgem em cenários específicos onde as representações de sujeitos abjetos são influenciadas por contextos sociais, políticos, econômicos e culturais para além das lutas nas quais os grupos marginalizados auferem espaço, fazendo insurgir memórias subterrâneas.

Palavras-Chave: AIDS; Cinema; Representação; Memória; Esquecimento.

Abstract: We aimed to understand how the Acquired Immune Deficiency Syndrome (AIDS) has been represented in the cinema during the period 1985-2018. Anchoring under document cartography, 60 productions are identified that present in their plot HIV positive characters or have the theme HIV / AIDS in its most diverse aspects. By immersing itself in the discourse of pathologies and pathologization, it penetrates into a scenario marked by a multifaceted, dissident and frontier social construct that acts not only as a form of legitimation of the dominant discourses, since the pathologization had been used at various times as a form of exclusion and delegitimation of the discourse of the subjects under its aegis. It is noteworthy that the medical-scientific bias acts as a naturalizing agent of inequality in a socially constructed binary division in order to conceal mechanisms that work for the maintenance of power, erasing all forms of contestation and consequently social change. In this way, memory layers insinuate in specific scenarios where the representations of abject subjects are influenced by social, political, economic and cultural contexts beyond the struggles in which the marginalized groups gain space, instilling subterranean memories.

Keywords: AIDS; Films; Representation; Memory; Oblivion.

1 INTRODUÇÃO

Ao imergir no universo das representações Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) se pode vislumbrar um cenário multifacetado permeado por estigmas e preconceitos que foram sedimentados na memória social e assolam a população mundial há 37 anos. Quando em 1981, nos Estados Unidos (EUA) foram diagnosticados 41 casos de pacientes jovens com sarcoma de Kaposi, o fato de todos os pacientes diagnosticados serem homossexuais masculinos desencadeou não apenas um tratamento diferenciado, mas toda uma gama de sanções e limitações, uma vez que erroneamente se acreditou e disseminou-se que a patologia afetava apenas estratos sociais marginalizados pelo proselitismo social ocidental, a saber, homossexuais, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo. O episódio apresentava características inéditas, o que desencadeou todo um desvio no trato com a patologia, onde desde as nomenclaturas “Imunodeficiência Relacionada aos Gays (GRID)”, “Câncer gay”, entre outras, até a forma de abordagem, combate e prevenção denunciam o cenário de marginalização no qual foram estigmatizados não apenas os sujeitos HIV positivos, mas todo o estrato social no qual tais sujeitos foram alocados por características superficiais, práticas identitário-sexuais ou por dependência química.

A AIDS atuou de forma tão devastadora sobre os estratos sociais alocados enquanto grupos de risco, que em tempos hodiernos ainda ecoam aspectos discriminatórios¹ sobre tais

¹ A Portaria 1.353 do Ministério da Saúde (MS) em seu § 1º afirma que "a orientação sexual (heterossexualidade, bissexualidade, homossexualidade) não deve ser usada como critério para seleção de doadores de sangue, por não constituir risco em si própria". No entanto em seu § 34º contrariando o que foi dito no seu artigo 1º afirma,

grupos, pois, ao se criar uma divisão baseada no risco e alocar nela não sujeitos, mas todo um estrato social se cria um fator de exclusão. Ressalta-se ainda que, o dispositivo² de controle social que divide a sociedade em uma dicotomia (Heterossexual e Homossexual) atua não apenas fora das comunidades marginalizadas, alocando-as em uma margem compreendida como uniforme, mas também dentro das mesmas conferindo a elas uma composição multifacetada e estratificada, onde o padrão tido como o normal pela sociedade que os excluiu ainda é a norma, e aquilo que se aproxima da norma sofre menos com a ação da mesma. Compreende-se ainda que, a composição estratificada da margem é uma característica da sociedade que classifica indiscriminadamente sob outros aspectos, o que faz emergir uma segunda característica de tal organização social, a estratificação é universal, mas variável envolve não só a desigualdade, no entanto arraiga-se nela, envolve crenças, fatores econômicos, práticas e subjetividades. Logo, se pode compreender que a sexualidade não foge ao dispositivo de controle, mas é componente do dispositivo.

Se pode compreender que a estratificação social é perpetuada de geração para geração, configurando-se assim não simplesmente como um reflexo das diferenças individuais dos sujeitos que estão inseridos em tais estratos, pois essas peculiaridades são apagadas frente à classificação binária (Masculino e Feminino) da qual o dispositivo faz uso em primeiro momento. Criando-se uma realidade baseada na negação do ser, consolidando estereótipos arraigados no padrão heteronormativo de masculinidade e/ou feminilidade. Voltando-se para o padrão heteronormativo compulsório apresentado por Rich (1993), onde a divisão binária arraigada na heteronormatividade, apontada por Butler (2002), enquanto uma “ordem compulsória” que exige dos sujeitos uma coerência total entre um sexo, um gênero e uma conduta/desejo/afeto, que são obrigatoriamente heterossexuais, logo uma “heteronormatividade compulsória”.

Diante disso, ao imergir-se no cenário analisado, compreende-se que todo o mecanismo social utilizado no trato com o HIV/AIDS fora baseado na essência da discriminação, a saber: formular opiniões sobre outrem sem se basear em seus méritos individuais e sim por pertencerem a determinados grupos com determinadas características. Pois ao se criar uma

que os homens que tiveram relações com outros homens e/ou as parceiras sexuais destes são considerados inaptos temporários por 12 meses.

² Neste estudo em função do viés adotado pelos autores, tem-se o conceito de dispositivo sob a óptica foucaultiana, a saber: “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 2000, p. 244).

divisão baseada nos proselitismos sociais, o discurso da estereotipia atua como ferramenta de construção de “verdades” disseminadas pelos grupos hegemônicos. Onde o discurso da estereotipia pode ser entendido como

[...] um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (ALBUQUERQUE JR, 2009, p.22).

Alicerçando-se em tal entendimento tanto do dispositivo histórico da sexualidade, quando das linhas constitutivas do mesmo além das relações sociais simbióticas desenvolvidas no domínio das sexualidades humanas, se pode vislumbrar o cenário no qual se desenvolve o estudo aqui apresentado, uma vez que o mesmo faz uso da compreensão deleuzeana acerca do “desemaranhar das linhas constitutivas de um dispositivo”³ como forma de aproximação e análise de um determinado objeto por meio de um viés pós estruturalista de base foucaultiana. Diante disso, ao descortinar a ambiência de Organização do Conhecimento (OC), elegeu-se o cinema, sob o viés das representações uma vez que ao se vislumbrar o cinema

[...] enquanto produtor de discursos que ajudam a dar visibilidade às representações sociais em torno das identidades culturais, nos permite compreender tanto os enfrentamentos, quanto às permanências e as mudanças presentes no campo social. Sendo o cinema um meio que articula discursos verbais e imagéticos [...]. (ROSSINI, 2004, p.2).

Diante disso, objetivou-se compreender como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) foi representada no cinema no período de 1985-2018. Compreendendo-se que as sobreposições das linhas que compõem a tessitura do dispositivo sob a forma do discurso, da imagem, da forma e também do não dito, por tratar-se de construir e representar uma categoria social dominada (HIV/AIDS), quer dizer, constituída sobre termos negativos (patologização) em função da transgressão à norma (punição), deve-se levar em consideração que sua representação envolve o rompimento com as categorias de percepção que fundamentam a inferioridade. Esse rompimento permitiria que experiências vividas de forma tácita ou

³ [...] desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho de terreno’. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal. (DELEUZE, 1990, p.155).

dissimulada ganhassem visibilidade a partir de sua enunciação pública e que se construam em signos de pertencimento a um grupo social, a uma identidade (BOURDIEU, 2012).

2 O PODER DE NOMEAR E SUAS RELAÇÕES COM A REPRESENTAÇÃO, MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

A “nomeação” ou ato de nomear é uma das questões centrais ao se tratar da relação entre linguagem e realidade, uma vez que, sem ela, a existência fica comprometida e fadada ao esquecimento. Nesse sentido, os profissionais da informação têm nos processos e ferramentas de representação uma grande responsabilidade social decorrente das possibilidades de designar ou omitir nomes para referir à informação, em outras palavras, de seu poder de nomear (OLSON, 2002). O nome é o alicerce para que a identidade surja, é ele quem diferencia as coisas e seres no mundo. Compreende-se, assim, que os corpos, tal como as identidades, são construídos a partir dos discursos, que se articulam ao redor dos nomes. Para Silva (2007, p.76) “identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística”. Logo, um corpo discursivamente construído, não pode ser desvinculado dos atos linguísticos que o nomeiam e constituem. Observa-se, assim, que identidade e diferença acontecem simultaneamente sendo um produto de um mesmo processo, pois ao se identificar (nomear) algo dá-se início ao processo de identificação, algo que também acontece na Ciência da Informação e na representação (OLSON, 2001). Tal processo é ancorado na negação, pois dizer que se é algo ou se identificar sob um nome significa negar e ocultar vários outros aspectos que não aparecem de imediato. Essa negação e o que está oculto no nome não estão explícitos no nome; o que aparece de forma explícita no nome é o predicativo ou complemento que o acompanha (MOREIRA, 2010).

Com isso, em uma sociedade regida por uma divisão social marcadamente binária e oposicional, quem fala e de onde se fala são questões centrais que revelam os interesses por trás do que é falado. Como destaca Bourdieu (1996, p.87), “[...] o poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz”; isso evidencia que o sujeito da fala, na posição social por ele ocupada fará com que seu discurso seja validado, preservado e disseminado. Moreira (2010, p.2919) ressalta que no ato de nomear “[...] as posições sociais de quem nomeia e do que é nomeado devem ser obedecidas, e essas posições revelam quem tem poder e autoridade para nomear e quem, ou o que, está subordinado a esse poder”. Ressalta-se que, sob a óptica dos desejos desviantes, o não-nomeado exerce uma relação de atração sobre aqueles que o

buscam/praticam, uma vez que, aquilo que não foi nomeado, não existe oficialmente e com isso não se submete às normas sociais, culturais e morais vigentes.

Pode-se perceber que, assim como as identidades, o gênero e até a própria sexualidade são normatizados por meio de mecanismos e políticas de coerção do corpo, enquanto algo discursivamente construído, gerando, com isso, toda uma gama de sujeitos que fazem uso da “performance” como elemento de resistência ou mesmo de proteção contra as sanções impostas pela norma vigente. É fundamental ressaltar que a “performance” não ocorre sempre de maneira consciente; quando falamos de determinados conceitos, os dispositivos de coerção social e a biopolítica dos corpos e de produção dos mesmos são tão dissolvidos na sociedade que acabam sendo internalizados pelos sujeitos sem que se perceba a extensão de sua ação sobre o seu corpo.

Segundo a interpretação da obra de Judith Butler por Salih (2012, p.232):

Na medida que a nomeação da “menina” é transitiva, isto é, ela inicia o processo pelo qual é imposto um certo “tornar-se menina”, o termo ou, mais precisamente, o seu poder simbólico, determina a formação de uma feminilidade corporalmente encenada que nunca preenche plenamente a norma. Essa é, entretanto, uma “menina” que está obrigada a “citar” a norma para se qualificar e se manter como um sujeito viável. A feminilidade não é, então, a consequência de uma escolha, mas a citação forçada de uma norma, cuja complexa historicidade é indissociável de relações de disciplina, regulação, punição.

Como destacava Britzman (1996), cada grupo, comunidade ou mesmo sociedade vivencia um processo social em que o passado é reconstruído, e de forma distinta da história, uma vez que esta se pauta mais especificamente naquilo de que se tem registro, independentemente se sua vivência efetiva.

Para que se possa compreender a atuação do poder de nomear enquanto dispositivo de controle social, faz-se necessário adentrar ao domínio dos estudos acerca da memória, que abrangem toda uma densa trama capaz de atravessar diversas áreas do conhecimento, dada a natureza etérea do objeto de estudo. Logo, ao imergir em tal domínio e compreender como o mesmo é constituído, entende-se que tal objeto atua de forma multifacetada e em campos distintos, configurando-se enquanto um complexo rizomático influenciado por variáveis que revelam um liame simbiótico, norteado pelas relações de poder que vigoram na sociedade, segundo o período histórico, o contexto cultural, o espaço geográfico e os atores ou comunidades discursivas envolvidas.

Halbwachs (1990, p.86) discorre acerca de uma delimitação conceitual, quando afirma que “[...] A história pode apresentar-se como a memória universal de humano. Mas, não existe memória universal. Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no tempo e no espaço”. Tal delimitação segmenta o conceito de memória, apontando a existência de uma memória coletiva. Logo, se existe uma memória coletiva, também existe uma memória de ordem individual. Traverso (2007) enuncia que a memória coletiva tem origem quando opera sobre o passado uma seleção e interpretação de acordo com as sensibilidades culturais, dilemas éticos e conveniências políticas. Tal enunciado se coaduna com o conceito de memória coletiva apresentado por Halbwachs (1990, p.4), enquanto um, “[...] processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado”. Essa memória coletiva encontra lastro nas memórias individuais e, por outro lado, as alimentam, processos que têm na linguagem seu mecanismo de socialização (HALBWACHS, 1990; KESSEL, 2010).

Com isso, observa-se que as memórias individual, coletiva e histórica se articulam e interpenetram, cabendo a esta última o papel da preservação por meio dos registros. Logo, sob a óptica dos sujeitos (pertencimento) Assmann (2011, p.146) reitera que a memória cabe “[...] a portadores vivos com perspectivas parciais; a história, ao contrário, ‘pertence a todos e a ninguém’, é objetiva e, por isso mesmo, neutra em relação à identidade”. Para Le Goff (2003, p.13) a “[...] matéria fundamental da história é o tempo”, diferentemente da Memória, que segundo Ricoeur (2007) tem por objeto a lembrança, tendo a recordação como processo de busca dessa lembrança. É imprescindível compreender que em tal processo de busca o importante não é quem se lembra, mas sim o que é lembrado. Diante de tal concepção, se pode compreender a natureza político-ideológica do domínio da Memória, de onde emergem relações de poder envoltas em cenários que se interseccionam, hierarquizam-se em um movimento direcionado ao centro hegemônico, com o intuito de tornarem-se a norma.

Burke (1991, p.297) discorre acerca de tal processo, onde, “[...] frequentemente se diz que a história é escrita pelos vencedores. Seria possível dizer, de igual modo: a história é esquecida pelos vencedores [...]”, logo, ao suscitar a percepção de que existem discursos hegemônicos que regulam, normatizam, instauram normas e produzem “verdades” e assim prevalecem e são perpetuados, Le Goff (2003, p.426) reitera que “[...] tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”.

Jelin (2002, p.6) conclui que, “[...] *es entonces un espacio de lucha política, y no pocas veces esta lucha es concebida en términos de la lucha “contra el olvido”: recordar para no repetir*”. O autor prossegue o raciocínio afirmado que “[...] *La ‘memoria contra el olvido’ o ‘contra el silencio’ esconde lo que en realidad es una oposición entre distintas memorias rivales (cada una de ellas con sus propios olvidos). Es en verdad ‘memoria contra memoria’*”.

Diante disso, ao compreender o esquecimento como a cessação da memória que se tinha e em se tratando de uma ação involuntária que supõe deixar de conservar na memória alguma informação que tinha sido adquirido e voltar-se para as questões acerca dos silenciamentos, compreende-se diante do que fora exposto que os silenciamentos são dispositivos para a promoção do esquecimento. González de Gómez (2003, p.61) afirma que:

O modo de produção informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição vigentes em certo tempo, lugar e circunstância, conforme certas possibilidades culturais e certas relações de poder.

O que se percebe com certo nível de clareza é que a memória não pode existir sem um registro. Para Halbwachs (1990, p. 81) “[...] as palavras e o pensamento morrem, mas os escritos permanecem”. Assim, Ferreira e Amaral (2004, p.138) afirmam: “[...] A memória não pode existir sem o suporte técnico, como algo puramente cerebral; o passado não pode sobreviver sem os suportes técnicos que nos inscrevem numa determinada cultura, tradição”. Em confluência ao que fora afirmado por Ferreira e Amaral (2004), Nora (1993) amplia a compreensão desses “suportes” aos lugares de memória. Tal óptica documental dos registros ampara-se no entendimento de documento explicado por Briet (2016, p. 1) como sendo “toda base de conhecimento fixada materialmente e suscetível de ser utilizada para consulta, estudou prova”. Tal compreensão revela a natureza da relação entre a memória e o esquecimento que, segundo Ribeiro (2007, p.1) “[...] são componentes da memória, um não existe sem o outro, no processo de atualização do passado, quando evocado”.

Diante dessa perspectiva, entende-se que a questão da memória é uma preocupação central de grupos e classes sociais, assim como de governos e partidos políticos (LE GOFF, 2003). Assim, Silva e Anhezini (2011, p.652) inferem que “[...] tornar-se senhor da memória, seja ela própria ou alheia, é um ato político e que está diretamente ligado à formação e à conservação das identidades”.

De forma simplificada concebe-se que toda construção, seja de um sujeito ou de uma identidade, envolve certo grau de normatização, cujo efeito é a produção de excluídos. Tais sujeitos que ocupam a zona de exclusão são definidos por Judith Butler (2002) como corpos abjetos, aqueles cujas vidas não são consideradas legítimas e, portanto, quase impossíveis de se materializar, destacando ainda que o corpo abjeto “não se restringe de modo algum a sexo e a heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas, vidas” e “cuja materialidade é entendida como, não importante” (PRINS; MEIJER, 2002, p.161). O tratamento destinado a certas formas de vida dentro de uma relação de disparidade no âmbito social é descrito por Butler (2010, p.13), como uma relação onde “[...] certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras”.

Trazendo toda essa discussão para o universo da organização do conhecimento enquanto espaço mediador entre um conhecimento produzido pela sociedade e a apropriação dele para que um novo conhecimento possa ser construído, tem-se o “poder de nomear” de indexador, enunciado por Olson (2002) que, ao ser permeado por escolhas que, por sua vez, refletem estruturas de valores, pode tanto compactuar quanto romper com o silêncio, este muitas vezes advindo com forma de “ocultação” ou de “esquecimento” que podem ser impostos a grupos sociais, comunidades discursivas e/ou sujeitos, que se distanciaram ou desviaram da norma vigente e com isso são alocados à margem da sociedade, revelando uma segregação por conta de seu “distanciamento” ou “desvio” do centro hegemônico. Isso revela um processo eletivo – e, por decorrência, ideológico - em que um conceito ou um conjunto deles ao ser alçado a uma posição de descritor, evidencia uma posição política, mesmo que não se tenha plena consciência disso, esperando-se ainda que, nessa condição, como também se espera que tal representação venha a dialogar com as demais e a influenciar pessoas, (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2011; ARBOIT, 2014).

3 METODOLOGIA

Segundo Ferro (1985, p.115) “[...] todos os filmes são objetos de análise”; diante disso, em função de sua natureza documental, podem ser considerados fontes históricas. Ancorando-se em tal preceito, a pesquisa foi realizada com base na experiência dos autores e dos dados da Cinemateca Brasileira, instituição responsável pela preservação da produção audiovisual

brasileira, que desenvolve atividades sobre a difusão e restauração do seu acervo, um dos maiores da América Latina, com cerca de 200 mil rolos de filmes, entre longas, curtas e cinejornais. Diante disso, não foi realizado um recorte cronológico espontâneo, trabalhou-se com os registros encontrados que compreendem o período de 1985-2018.

O estudo seguiu o seguinte roteiro: 1. Listou-se todos os filmes que se enquadravam na temática segundo a experiência dos próprios autores; 2. Definição dos termos de busca, onde utilizou-se os seguintes descritores “AIDS”, “HIV” e “Síndrome da Imunodeficiência Adquirida”; 3. Identificação da possível amostra nos acervos digitais tais como a Cinemateca Nacional, entre outros sites especializados e de crítica cinematográfica onde se pode visualizar as produções assim como ter acesso aos dados gerais das obras, para somente então enquadrá-los na amostra (a mostra foi constituída a partir da identificação e da disponibilidade da produção cinematográfica). É importante salientar que podem existir outras produções acerca da temática analisada, no entanto as mesmas não foram inseridas nos corpora da pesquisa pelos seguintes motivos: não foram recuperadas na busca em sites especializados, o que pode ter sido gerado por um erro na escolha dos descritores para a representação de assunto; ou não estão disponíveis na *internet* ou em *Digital VideoDisc* (DVD) o que fez com que a produção seja excluída da amostra por impossibilitar a análise pelos autores. Ao término dessa etapa se identificou 60 produções (Tabela 1) que compuseram a amostra do estudo.

Tabela 1: Filmografia relacionada a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) identificada no período de 1985-2018 que compõe a amostra do estudo

Item	Título	Ano	Item	Título	Ano
1	AIDS: Aconteceu Comigo	1985	31	ABC África	2001
2	Furor do Sexo Explícito	1985	32	As Horas	2002
3	<i>A Virus Knows no Morals</i>	1986	33	Carandiru	2003
4	Declínio do império americano	1986	34	Cazuza - O Tempo Não Para	2004
5	Estou com AIDS	1986	35	Yesterday	2004
6	Parting Glances - Olhares de Despedida	1986	36	24º Dia - O Prazo Final	2004
7	Em Busca da Luz	1988	37	O jardineiro fiel	2005
8	Meu Querido Companheiro	1989	38	Unidos pelo Sangue	2005
9	A História de Ryan White - Uma Lição de Vida	1989	39	Três Irmãos de Sangue	2006
10	Caminhos Cruzados	1989	40	<i> Holding Trevor</i>	2007
11	<i>Paris is Burning</i>	1990	41	Um Lugar Para Beijar	2008
12	RSVP	1991	42	Pedro	2008
13	Noites Felinas	1992	43	Preciosa - Uma História de Esperança	2009
14	Filadélfia	1993	44	Positivas	2009
15	Paciente Zero	1993	45	Estávamos Aqui	2011
16	Amor e Restos Humanos	1993	46	Como Sobreviver a uma Praga	2012
17	Blue	1993	47	Nunca Seque Lágrimas Sem Luvas	2012

XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018
22 a 26 de outubro de 2018 – Londrina – PR

18	AIDS - Síndrome da Morte	1993	48	Codinome beija-flor	2012
19	Um Lugar para Annie	1994	49	E Agora? Lembra-me	2013
20	A Cura	1995	50	Clube de Compras Dallas	2013
21	De Caso com a Vida	1995	51	Teste	2013
22	A Difícil Escolha	1995	52	Irmão de Sangue	2013
23	<i>Kids</i>	1995	53	Boa Sorte	2013
24	<i>Green PlaidShirt</i>	1996	54	The Normal Heart	2014
25	Eu amo esse homem	1997	55	Larry Kramer: No Amor e na Raiva	2015
26	Rompendo Barreiras	1997	56	A Paixão de JL	2016
27	Por uma Noite Apenas	1997	57	Meu Nome é Jacque	2016
28	A velocidade de Gary	1998	58	São Paulo Em <i>Hi-Fi</i>	2016
29	Tudo sobre minha mãe	1999	59	A festa	2017
30	Antes do anoitecer	2000	60	120 Batimentos por Minuto	2018

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Como último passo da análise foi realizado uma Análise descritiva e temática da produção, amparada no modelo de análise proposto por Moreno (1995) (Tabela 2).

**Tabela 2: Estrutura do Modelo de Análise
Modelo de análise fílmica estrutural/significativa**

01	Análise Estrutural ou Sintática			
	Titulo			
	Gênero		Ano	
	Elenco e Personagens			
	Sinopse			
02	Análise significativa (Significante e Significado) (Significação da Linguagem Narrativa e da Gestual nos níveis do significante e do significado).			
		Significante (Denotação) ⁴	Significado (Conotação) ⁵	
	Linguagem narrativa	Posição do HIV/AIDS no enredo fílmico		Análise da História do Filme
		Contexto social		
		Recursos Narrativos		
		Tipo de montagem		
		Tipo de Interpretação		
		Análise da História do filme		
Linguagem Gestual	Tipo de Gestualidade ⁶	Estereotipada	Características	
		Não-estereotipada	Pejorativa	
		Inexistente	Não-pejorativa	
03	Retrato Fílmico Encontrado			
	Texto conclusivo sobre o teor do discurso apontado no filme sobre o assunto, podendo ser: Pejorativo, não-pejorativo e dúbio. Será assim descrito			

Fonte: Adaptado de Moreno (1995).

Ao se debruçar sobre a filmografia acerca do HIV/AIDS nos últimos trinta e três anos se pode vislumbrar uma construção não cronológica acerca do impacto da epidemia sobre as

⁴ Comentários sobre como o filme conduz o personagem dentro de seu enredo fílmico.

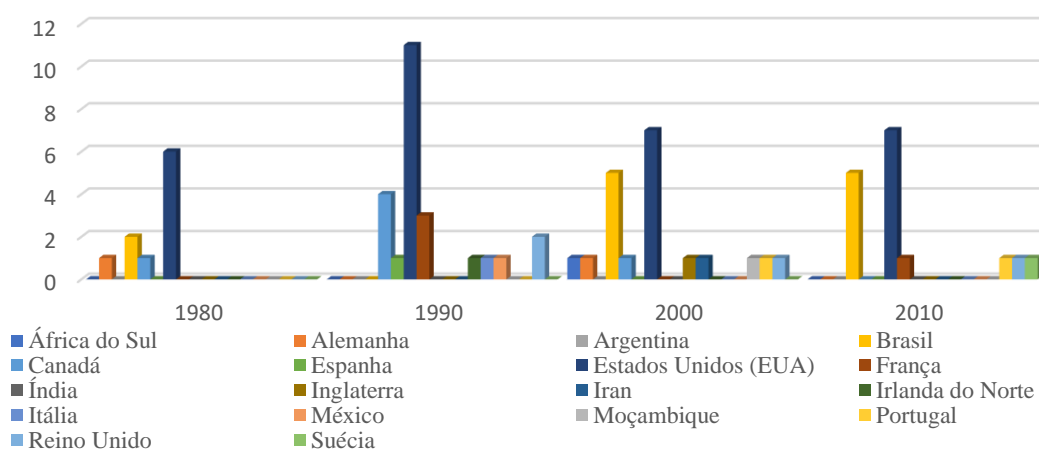
⁵ Comentários sobre o que o enredo do filme induz o observador a julgar em relação ao HIV/AIDS abordada no enredo fílmico.

⁶ Comentário descritivo da gestualidade e sub gestualidade empregada no filme.

vivências de determinados estratos sociais. Diante disso, ao imergir nos estudos que visam investigar inclusões e exclusões históricas se pode vislumbrar as relações de poder além das ideologias subjacentes às estruturas que definem a narrativa hegemônica em função de escolhas políticas e não de escolhas desinteressadas ou neutras, uma vez que se procura lembrar tudo aquilo que foi deliberadamente colocado no limbo da história. A lembrança, contudo, está vinculada àqueles que têm o poder, pois são eles que decidem quais narrativas deverão ser lembradas, preservadas e divulgadas (ARAÚJO; SANTOS, 2007).

No estudo aqui apresentado buscou-se entender para além do que foi representado cinematograficamente, mas “[...] analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de Governo” (FERRO, 1992, p.87). Para tanto, compreender que a marginalia é um local de produção de saber em uma relação de saber/poder, para além de consumir informação que alimenta não apenas todos os estratos que compõem a margem, mas cria uma relação simbiótica, onde o centro só é centro ao negar as margens em sua constituição básica. Diante disto, em uma primeira fase da análise buscou-se construir uma cartografia que visava localizar geograficamente os países que produziram filmes acerca da temática e em que período foram produzidos. A Figura 1 ilustra sob a forma de gráfico a distribuição geográfica da amostra deste estudo.

Figura 1: Distribuição geográfica das produções acerca da temática HIV/AIDS que compõe a amostra deste estudo

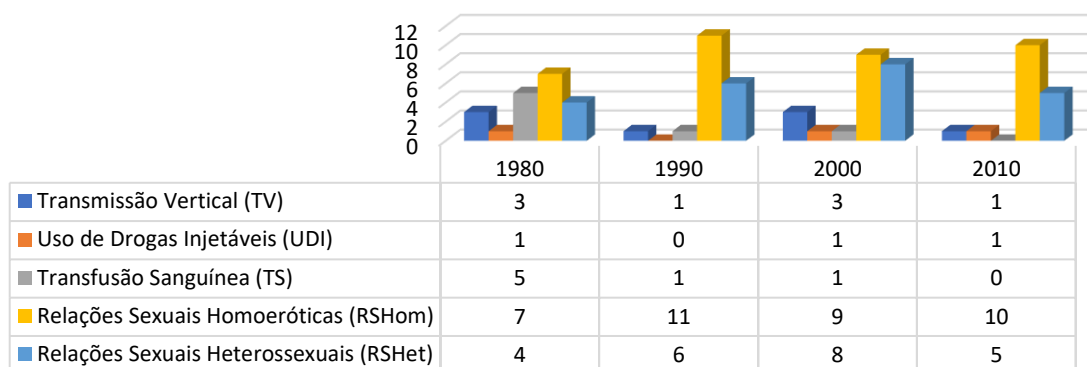


Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Em uma segunda etapa verificou-se a forma de contaminação representada na produção cinematográfica para uma verificação acerca de que tipo de discursos permeavam a construção

cinematográfica e se a mesma apresentava uma maturidade discursiva de forma a aproximar a obra com verossimilhança dos fatos ou se a mesma era balizada por discursos marcadamente constituídos a partir dos proselitismos sociais e tinham forte atuação de preconceitos e antipatias acerca da temática, dos estratos sociais representados ou mesmo das identidades e/ou construções afetivo sexuais dos personagens que foram representados, identificando cronologicamente para uma melhor visualização dos discursos que permearam a construção e da disseminação da informação acerca da prevenção, controle e combate ao HIV/AIDS (Ver Figura 2).

Figura 2: Distribuição da amostra segundo a forma de contaminação e o período em que foi representada



Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Em um terceiro momento da análise buscou-se identificar os dados fixos das produções cinematográficas e em seguida compreender a construção fílmica das representações do HIV/AIDS em cada obra.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Os primeiros filmes cartografados e eleitos para compor a amostra do estudo surgem quase que instantaneamente com a AIDS, tendo o primeiro registro no ano de 1985, obras com teor preventivo, com discursos maduros e até mesmo documentários emergem do contexto social. No entanto vale ressaltar que os últimos anos da década de 1980 trazem obras como a pornochanchada “AIDS, O Furor do Sexo Explícito” (1985). O discurso de tais obras é estereotipado, de forte natureza sexual e com custos baixos utilizando-se de linguagem muitas vezes vulgar. O enredo fílmico envolve um homem que descobre que é HIV positivo e tenta por meio de um processo de rememoração identificar qual de suas parceiras o contaminou. Uma

de suas parceiras é uma travesti, tendo ainda um empregado que tem práticas homossexuais envolvido na história, o que reforça a marginalização com a qual eram tratados os grupos de risco adotados na prevenção e combate ao HIV/AIDS em seus primeiros anos.

O tema é tratado de forma cômica na produção alemã *“A Vírus Knows no Morals”*⁷ (1986) que adota um discurso ácido e não convencional ao tratar da temática fazendo uso de personagens travestidos. Os documentários que surgem na década de 1980, *“Estou com AIDS”* (1986) e *“Caminhos Cruzados”* (1989) reafirmam o discurso de prevenção fazendo uso das informações divulgadas pelos meios de massa tentando suprir uma lacuna informacional que não consegue dadas as próprias limitações de recursos, incentivos e da marginalização auferida à temática no período.

Nos primeiros anos da análise surpreendem os dramas que apresentam uma maturidade discursiva acerca da temática, a saber: *“AIDS: Aconteceu Comigo”*⁸ (1985), *“Meu Querido Companheiro”* (1989) e *“A História de Ryan White - Uma Lição de Vida”* (1989). Tais produções não buscam em seu discurso fílmico uma consolidação do discurso da estereotipia ou balizam-se em direção ao óbvio, mas dialogam de forma amadurecida dentro do possível, ressaltando em seu enredo fílmico não a promiscuidade ou o erotismo exacerbado utilizado como argumento em muitos momentos para alocar as homossexualidades enquanto grupo de risco, trazendo ao cenário de debate novas formas de contaminação como é o caso da transfusão sanguínea e da hemofilia e outras patologias ligadas ao sangue e seus derivados, sobre as quais pouco ou nada se debatia frente ao discurso implacável dos grupos de risco.

Tais afirmações alicerçam-se no fato de existir uma escassez de produções em que heterossexuais são contaminados. O filme *“Furor do Sexo Explícito”* (1985) foi a única obra identificada na amostra no período de 1985-1989 em que um heterossexual é contaminado pelo vírus HIV. No entanto, vale ressaltar que o protagonista mantém uma parceira afetiva sexual travesti e o jardineiro que se envolve sexualmente com as parceiras do patrão identifica-se enquanto bissexual, o que reforça a carga negativa sobre o estrato social das homossexualidades, avigorando toda a carga de estereótipos e estigma sobre o estrato social supracitado.

Na segunda década analisada, insurgem obras diferenciadas como *“Blue”* (1993), que na verdade não narra ou representa um personagem HIV positivo, mas sim um dos efeitos sofridos

⁷ Título original *“EinViruskenntkeine Moral”*.

⁸ Título original *“AnEarlyFrost”*.

pelo diretor em função do tratamento do HIV/AIDS provocados pelos efeitos colaterais do medicamento zidovudina (AZT). O teor preventivo das obras é reforçado, como retrata a obra *“Kids”* (1995) e um discurso de humanização passa a emergir no discurso fílmico como é o caso de *“Filadélfia”* (1993), onde Andrew Beckett (Tom Hanks), advogado homossexual em ascensão, é demitido da empresa em que trabalha em função do preconceito em função de sua condição sorológica. O filme ressalta o teor jurídico no qual se podem amparar argumentos acerca de discriminação em função da condição sorológica. Uma das cenas mais perturbadoras do filme passa-se em uma biblioteca onde Andrew Beckett pesquisa para a elaboração de sua ação contra o escritório de advocacia que o demitira e o bibliotecário insiste para que o mesmo vá para uma sala de estudo reservada para evitar um maior constrangimento das pessoas que ali estão. Ao assistir a cena, o advogado Joe Miller (Denzel Washington), que recusou o caso assim como outros tantos advogados buscados Andrew Beckett, dado seu preconceito com as homossexualidades para além de sua condição sorológica, se aproxima para falar com ele e deixa o bibliotecário sem ação. Na conversa, Andrew Beckett, cita a Lei Federal Americana de Reabilitação de 1973 que proíbe a discriminação contra pessoas com deficiência se eles puderem desempenhar as funções exigidas deles. O que faz com que Joe Miller reavalie seu ponto de vista e represente Andrew Beckett na ação contra o escritório de advocacia onde trabalhara. Ressalta-se ainda que a produção contribui na representação das homossexualidades sob a óptica das homoafetividades, pois Andrew Beckett tem uma relação estável com seu parceiro Miguel Álvarez (Antônio Banderas) além de manter uma relação afetuosa com seus familiares.

A transmissão vertical aufere espaço em um discurso humanizado acerca da temática no filme *“Um Lugar para Annie”* (1994), em que Annie Morston (Leslie Anderson) uma criança HIV positiva, abandonada pela mãe, Linda (Mary-Louise Parker), dependente química, é cuidada por Susan Lansing (Sissy Spacek) uma enfermeira do hospital que se apega à criança *“indesejada”*. O filme apresenta um forte apelo emocional e contribui para a ampliação do debate acerca da temática fora dos grupos de risco ainda em vigor na época, o que também pode ser visto em *“A Cura”* (1995) onde Dexter (Joseph Mazzello) que contrai o vírus do HIV em uma transfusão sanguínea desenvolve uma amizade com Erik (Brad Renfro). A obra tem o HIV apenas como pano de fundo para o desenvolvimento de uma amizade para além da patologia, desconstruindo todo um construto social de isolamento e o próprio perfil dos soropositivos.

O discurso com teor homoafetivo permeia boa parte das produções da época, devolvendo a humanidade retirada dos grupos de risco marginalizados desde a década de 1980 em função da catastrófica abordagem das organizações de saúde. Produções como “Filadélfia” (1993), “Eu amo esse homem” (1997) e “Rompendo Barreiras” (1997) são exemplos de tal afirmação. No entanto, produções com teor negativo, amparados em discurso machista ou que ainda não apresentam maturidade argumentativa no enredo fílmico ainda podem ser encontradas na década de 1990, onde se podem observar obras como “AIDS - Síndrome da Morte” (1993) e “Paciente Zero” (1993). Em algumas obras a AIDS é apenas uma coadjuvante, utilizada como pano de fundo e aparecendo timidamente nos enredos fílmicos como é o caso de “Por uma Noite Apenas” (1997).

Uma das características que começa a auferir espaço já na segunda década analisada é a de preservação da memória acerca não apenas da patologia, mas da própria vida daqueles que foram tão afetados pelos discursos médico-científicos das organizações de saúde. É o caso da produção “*Paris is Burning*” (1990) que retrata a comunidade LGBT para além da patologia que, ao surgir na década anterior, tem uma “fusão” com a própria história do movimento LGBT pois, ao serem alocados enquanto grupo de risco, aumenta-se o grau de abjeção sobre os sujeitos que compõem esse estrato da margem. Torna-se quase impossível uma dissociação da história das homossexualidades no final do século XX e da AIDS como se elas fossem a mesma, ou partes de uma mesma história. Vale ressaltar que durante o processo de ditadura civil militar no Brasil, os LGBTs eram perseguidos mesmo sem a existência de uma legislação específica para punir atos de homossexualidades. O que também aconteceu em outros locais do mundo como registrado na obra “*Como Sobreviver a uma Praga*” (2012) que retrata os primeiros anos da epidemia nos EUA e a forma como foram tratados os soropositivos em função dos grupos de risco.

É necessário compreender que alguns grupos sociais agrupados em um mesmo estrato social têm uma carga de exclusão maior dada sua construção histórica. É o caso das travestilidades, agrupadas nas homossexualidades e que têm apenas em sua existência condicionada um elevado grau de abjeção. Denizart (1997, p. 8), em um esforço para compreender e conceituar travestilidades, afirma que as mesmas “[...] estão para além do gênero e da espécie, afirmando uma virilidade toda criada e inesperada”. Sob essa lógica, as travestilidades compreenderam que o não-nomeado apresenta amplo lastro de ancoramento dos desejos desviantes. O próprio ato de se prostituir é um jogo onde se aprende a ser o que o

outro quer (DENIZART, 1997, p. 9). Logo, se pode observar que, não é apenas uma divisão binária que fora desafiada, mas a própria construção do desejo e os papéis sexuais dentro de uma relação. Isso faz emergir toda uma gama de dispositivos de controle social para punir, corrigir e adequar esses sujeitos.

Tal debate insurge na terceira década analisada especificamente na obra “Carandiru” (2003) em que a realidade de presídios no Brasil é representada de forma verossimilhante e categorias até então não debatidas no âmbito do HIV/AIDS, como a dos Homens que fazem sexo com Homens (HSH) e dos sujeitos *Trans* insurgem e passam a ser identificadas com maior frequência e importância dentro dos dados epidemiológicos.

As produções biográficas, documentárias e/ou que relatam a vida de pessoas que foram acometidas pelo vírus HIV tornam-se frequentes nessa década, em obras como “Antes do anoitecer” (2000), “As horas” (2002), “Cazuza - O Tempo Não Para” (2004), “Três Irmãos de Sangue” (2006) e “Positivas” (2009), o que perdura no período de análise posterior, nas obras “Larry Kramer: No Amor e na Raiva” (2015), “A Paixão de JL” (2016), “Meu Nome é Jacque”(2016) e “São Paulo Em *Hi-Fi*” (2016), configurando-se enquanto uma tendência acerca do tratamento e representação da temática, que se volta ao teor verossimilhante com discursos humanos em sua totalidade de obras nas duas décadas.

Ressalta-se que as produções “*The normal heart*” (2014) e “Como Sobreviver a uma Praga” (2012) têm seu cenário nos primeiros anos da epidemia, retratando de forma verossimilhante o cotidiano sob a óptica dos homossexuais masculinos que vivenciaram os primeiros anos da epidemia. O personagem Tommy Boatwright (Jim Parsons), em *The normal heart*, tem um papel simbólico ao guardar na sua gaveta os cartões com telefone dos que foram mortos em função das complicações oriundas da AIDS. Ele age como alguém que precisa remover o contato daqueles que se foram da lista. No entanto é necessário preservar a memória dos mesmos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término das análises se pode compreender que o esquecimento é parte constitutiva do mecanismo da memória. Não existiria memória sem o esquecimento, no entanto o processo de apagamento é na verdade um ato de violência norteado por uma ideologia própria dentro de um jogo de poder.

Acerca da temática o que se pode observar foram registros de realidades e pontos de vista distintos que ora conversam com a realidade aproximando-se dela de forma contundente, ora distancia-se dela como forma de promoção de estereótipos e discursos hegemônicos orientados por proselitismos e preconceitos sociais que se ampararam historicamente no discurso médico científico para marginalizar, condicionar e apagar pois ao se adentrar a esfera das patologias o discurso do sujeito enquadrado à margem sob a égide da patologia é desvalorizado e apagado dos registros históricos.

Ao suturar a história da homossexualidade com a da patologia utilizando-se do gatilho dos grupos de risco e não do comportamento de risco adotado apenas nas primeiras décadas do século XXI, se torna abjeto todo um estrato social e não apenas aqueles que teoricamente se desejaria excluir, gerando assim uma ruptura na tessitura memorial que se atém a uma defesa como forma de sobrevivência construindo conhecimento como forma de resistência em uma relação de saber/poder.

No entanto, cabe ressaltar que os discursos que compõem e atravessam as representações do HIV/AIDS no cinema têm evoluído de forma positiva alcançando uma verossimilhança, abandonando vieses que arraigam seus discursos no machismo, nos preconceitos e na falta de informação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: Implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.79, p.95-111, 2007.

ARBOIT, Aline Elis. Epistemologia da documentação: provocações necessárias. **Ágora**, Florianópolis, v.24, n.48, p. 382-388, 2014.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Tradução Maria Helena. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.21, p.71-95, jan./jun. 1996.

BURKE, Peter. Geschichte als soziales Gedächtnis. In: ASSMANN, A.; HARTH, D. **Mnemosyne, Formen und Funktionen kultureller Erinnerung**. Frankfurt, 1991.

BUTLER, Judith P. **Cuerpos que importam**: sobre os limites materiais e discursivos do sexo. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Marcos de Guerra**: las vidas lloradas. Barcelona: Paidós Ibérica, 2010.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, pp.155-161.

DENIZART, Hugo. **Engenharia erótica**: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, v.4, p.137-166, abr. 2004.

FERRO, Marc Y. A-t-il une vision filmique de l'histoire. In: FERRO, M. **L'Histoire sous surveillance**. Paris: Calman-Lévy, 1985.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. **Epistemología de la documentación**. Barcelona: Stonberg, 2011.

GONZÁLEZ DE GOMÉZ, Maria Nélide. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, v.32, n.1, p.60-77, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. España/Argentina: Siglo XXI, 2002.

KESSEL, Z. **Memória e memória coletiva**. Disponível em:
<<http://museudapessoa.postbox.com.br/adm/Upload/2916110920121916535P032.pdf>>.
Acesso em: 04 set. 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. O ato de nomear- da construção de categorias de gênero até a abjeção. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 14., 2010, Rio de Janeiro, RJ. **Anais** (on-line). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/completo_tomo_4.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017.

MORENO, Antônio do Nascimento. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. 1995. 148f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.07-28, dez. 1993.

OLSON, Hope A. Sameness and difference: A cultural foundation of classification. **Library Resources & Technical Services**, v.45, n.3, p.115-122. 2001

_____. **The power to name**: Locating the limits of subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic, 2002.

PRINS, Baukje, MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, janeiro, 2002.

RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. Memória e contemporaneidade: as tecnologias da informação como construção histórica. Disponível em:
<<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/13.shtml>> Acesso em: 08 mar. 2007.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: GELP, Barbara C.; GELP, Albert (Ed.). **Adrienne Rich's Poetry and Prose**. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

ROSSINI, Miriam de Souza. Discursos sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90. In: ENCONTRO DE NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 4., Porto Alegre, 2004. **Anais...** Porto Alegre, 2004.

SALIH, SARA. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n.32, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 73-102.

SILVA, Zélia Lopes da; ANHEZINI, Karina. **A escrita histórica e suas múltiplas faces**. Assis: FCL - Assis UNESP - Publicações, 2011.

TRAVERSO, Enzo. **El pasado, instrucciones de uso**. Madrid: Marcial Pons, 2007.